

Entre o ‘doutor’ e o ‘benzedor’:
uma teoria nativa das células-tronco no norte de Minas Gerais¹.

Autora: Ana Carneiro

Doutoranda do PPGAS Museu Nacional-UFRJ.

Resumo:

A partir de elaborações feitas por moradores do ‘povo d’Os Buracos’, no norte de Minas Gerais, a respeito do corpo humano, e particularmente do ‘sangue’, busco entender um modelo de conhecimento mais amplo. Permeadas por noções apreendidas dos discursos médico e científico, as idéias sobre a origem e o funcionamento dos corpos não prescindem, ali, de argumentos tidos como “religiosos”. A reflexão inspira-se em uma questão colocada a mim, durante pesquisa de campo, por uma senhora de reconhecida habilidade no trato com ervas terapêuticas e benzimentos: “você acha que a célula-tronco vai chegar no Brasil?”, perguntou-me. A célula-tronco é sua última esperança para a cura do filho paralítico e ela discorda da posição do Vaticano contra aquela novidade da ciência. Explicou-me que, embora muito católica, discordava da Igreja quanto a este tema. Seu argumento centrava-se no fato de que, segundo entende, a tal célula é retirada *antes* de entrar no corpo do bebê, não consistindo portanto em ato contra a vida do novo ser, considerado por ela “criatura de Deus”.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Entre o ‘doutor’ e o ‘benzedor’:
uma teoria nativa das células-tronco no norte de Minas Gerais

Definido pela administração municipal como uma ‘comunidade rural’ e chamado coloquialmente de ‘povo’, Os Buracos está localizado em um cânion de 30 mil hectares, e de certo modo se prolonga até o núcleo urbano mais próximo, Chapada Gaúcha², por uma subida de duas horas a pé e mais 7 km de estrada de terra. As informações sobre este trânsito pautam as conversas diárias, e assim a geografia do ‘povo d’ Os Buracos’ se espraia em direção à cidade. Assim, o espaço físico em que consiste propriamente ‘Os Buracos’ nem sempre é o que conta na definição do ‘povo’ dali. Mas o que é então o território no qual se assenta um povo que se define pela terra que lhe dá nome? Diante desta questão, cabe voltar nossas atenções para os modos coletividade conceituados como ‘povo’. Que conexões reúnem este ‘povo’? Noutras palavras, que modelo de conhecimento podemos lançar mão para descrevê-lo, defini-lo? Ao ouvir as elaborações nativas em torno do funcionamento do ‘sangue’, notei como idéias implicadas nesta noção conectavam não apenas pessoas, mas também discursos entre o que é tido ali como próprio da ‘cidade’ (a ciência, a medicina) e o que se atribui à vida na ‘roça’ (a reza, os ‘benzedeiros’). A partir dessas elaborações, portanto, pode-se chegar a formas mais abstratas do processo de conhecimento empenhado ali, que dá forma à coletividade nomeada ‘povo’.

‘Se o sangue é ruim, não tem jeito’; ‘doença, se demorar o início do tratamento, ela enraíza no sangue e não cura mais’; ‘médico e benzedor é tudo igual, às vezes acerta, às vezes não’. Por meio de formulações como estas, o sangue determina fatos ligados às relações interpessoais mas também fatos ligados às maneiras de se lidar com a natureza do corpo. Tais maneiras - a do ‘doutor’ e a do ‘benzedor’ – vinculam-se respectivamente à ‘cidade’ e à ‘roça’. O espaço físico surge então no campo de análise não apenas em função da ‘terra’ na qual se criam os laços interpessoais, mas também para marcar determinada relação entre o que se considera ‘moderno’ (a ciência, a medicina, a cidade) e o que se atribui aos ‘antigos’ (o benzedor, os antepassados, a roça). Assim, articulando-se às noções de ‘sangue’ e ‘território’, a definição de ‘povo’

² A cidade de Chapada Gaúcha, sede do município homônimo, foi fundada por empreendedores do agronegócio vindos do sul do país há cerca de trinta anos. Doravante, quando me referir à ‘Chapada Gaúcha’, ou simplesmente ‘Chapada’, sem especificar que se trata do município, estarei fazendo menção a esta cidade-sede. Serviços de saúde, cartório, correio, comércio, e escola secundária estão portanto associados à vinda dos gaúchos e a tais mudanças, atribui-se a atração que as cidades em geral exercem sobre o povo d’ Os Buracos em geral.

traz a questão das transformações vividas através do tempo. Esta questão tem estado particularmente presente nos Buracos desde que a energia elétrica chegou ali, em julho de 2006. Embora seu uso já lhes fosse familiar havia 15 anos, graças às constantes idas à Chapada Gaúcha, os buraqueiros vivem hoje um aceleração de novidades graças à chegada da luz. Dentre as mudanças, é notável o hábito de assistir televisão e as informações veiculadas por esta, reforçando um movimento inverso e simultâneo ao da migração rumo ao mundo urbanizado: o movimento deste em direção a Os Buracos.

O vasto repertório de fórmulas associadas ao sangue é uma pista importante para a definição do que é incluído por conjuntos nomeados como ‘povo d’Os Buracos’, ‘povo da roça’ ou ‘povo mineiro’. A idéia de interconectividade envolvendo a noção de ‘sangue’ chama atenção à medida que este não se vincula necessariamente a uma relação de consangüinidade e que, por outro lado, articula-se fortemente à idéia de território. Há casos, por exemplo, nos quais um(a) filho(a) ‘puxa um sangue ruim’ e ‘cai no mundo’, ficando longe de sua mãe e parentes chegados, em relação aos quais se espera proximidade. Crianças com ‘problemas de nascença’ (mental e/ou surdez), muito comum nos Buracos, podem ser geradas por relações entre consangüíneos (o ‘sangue apura’, diz-se), mas também entre não parentes: quando ‘o sangue não bate’, geram-se filhos ‘com problema’. Da mesma forma, a proximidade do laço sanguíneo (entre pais e filhos ou entre irmãos) corresponde à proximidade entre os terrenos das casas, mas, quando o ‘sangue não bate’, as pessoas se afastam e as terras se dividem. Assim, o sangue indica distanciamentos e proximidades relacionais que podem ou não coincidir com as relações de parentesco, mas sempre são marcados por deslocamentos no espaço. Neste sentido, não se deve desprezar a importância que a prática de ‘ir nas casas’ - assim como, em ocasiões especiais, a de ‘fazer visitas’ - assume na vida cotidiana d’Os Buracos. A seguir, descrevo uma dessas visitas para ‘contextualizar’, ou buscar ‘dar sentido’, ao tema das células-tronco tal qual me foi puxado, trazendo consigo as formulações - sobre a reprodução e o corpo humanos. O relato desta visita nos guia, com essas conexões, ao caminho de reflexão ora apresentado. Os detalhes que serão dados - aparentemente dissociados do que nos interessa aqui - não são mera ilustração, mas expostos com o intuito de tornar visíveis as associações que guiam a presente análise.

*

D. Zefa nos recebeu - conforme o costume local - pedindo desculpas pela comida ruim. Reclamou por não termos avisado que vínhamos. Se soubesse, pelo menos

teria matado uma galinha... O filho de D. Zefa, Anísio, remediou as reclamações da mãe cortando pedaços de mortadela e os fritando para nós enquanto o feijão e o arroz iam esquentar no fogo. Almoçamos e ficamos o resto da tarde na cozinha. D. Zefa é boa de prosa. Não nos deixou ir embora sem antes tomar o café com biscoito frito, que ela pediu para Lúcia amassar. Lúcia é boa de amassar biscoito. A visita teve boa, portanto. Fomos caçar jabuticaba no pé de D. Zefa, e tinha jabuticaba que não esbarrava mais. Lúcia comeu menos da jabuticaba porque viu os buritis amolecendo na água, e ela não sabe recusar um buriti com farinha. Havia também uma panela com o resto do tatu desfiado; Neco, irmão e vizinho de Anísio, caçara ontem. E havia ainda o beiju feito trazanteontem, quando o povo de D. Zefa torrava farinha.

Anísio saiu pro mato, caçar o barbatimão de Lúcia. ‘A casca de barbatimão é linda pra útero e tudo de saúde da mulher’. D. Zefa perguntou-nos pelo ‘povo do Calengue’, numa referência aos que moram perto do Rio Calengue, parentes mais chegados de Lúcia. A sobrinha de Zefa respondeu: ‘Titia daquele jeito. Tá com uma dor de barriga que não pode. Mas não vai no médico, diz que só vai quando chegar a data de ir pegar a aposentadoria, q aí já vai ter que subir mesmo pra Chapada. Tomou raiz de caju e diz que deu bem. Mas é besta, aquela Titia!’. O caso de Titia estendeu-se: ela nem comer não come, é puro osso e pele, daqui a pouco some de tanta magreza. E dá a aposentadoria dela toda praqueles filhos q só faz jogar dinheiro no mato. Ela fica adulando os filhos pq tem medo dos meninos irem embora dos Buracos. Qdo eles dizem q vão pra Brasília ela quase morre, quando moraram na fazenda do pai, ficou maluquinha. Tirava a roupa e ficava andando nua pelo mato. Ela tem mto medo deles querer ir embora. Invés de pegar o dinheiro e ir se tratar no médico da Brasília, ir lá pra onde tão os sobrinhos dela... Mas não, aquela dali não é boa da cabeça não.

D. Zefa, por sua vez, também não se sentia disposta esses últimos dias. ‘É sempre aquela atrapalhação, doença de nervos é que se diz, depressão, mas o médico não passa remédio. Eu bebi um comprimido de Amoxilina que tinha ali guardado; deu bem, mas melhorar não melhora não’. E Lúcia explicou a D. Zefa: ‘a senhora não pode tomar remédio desse jeito, não é que nem remédio do mato, é antibiótico, tem que tomar a cartelinha inteira’. D. Zefa: obediente; mas não deu muita atenção. Respondeu: ‘Tem é que se apegar em Deus. Doença parece que tem uma vida própria, ela cura sozinha. A gente toma remédio, mas ela só sai quando ela quer’. Muitos moradores dos Buracos são da mesma opinião: acham que o Dr. Reginaldo, único médico do posto de saúde da

Chapada, é um doido. E os médicos, em geral, não são muito diferentes de curador e de benzedeiro. Às vezes acerta, às vezes não.

D. Zefa tem um filho que ficou paraplégico há nove anos. Da virilha pra baixo, não sente mais nada. Começou sentindo uma dor nas costas que não passava. Aí ficava indo no posto pra tomar injeção de Benzetacil. Mas a dor não passava. E ele passou a sentir as pernas dormentes. O posto de saúde municipal de Chapada mandou-o para o hospital em Montes Claros, mas nada se resolveu. ‘Até que começou o braço também a ficar dormente. Aí a gente levou ele lá na Brasília. Foi quando foram ver e disseram que demorou muito pra ir tratar, ele tava com uma coisa, penso q era um tumor. Tinha q operar a coluna pra tirar. Ele operou e disseram que depois de uns meses voltava a andar. Mas ele fez dois anos de fisioterapia e ainda nunca melhorou. É um rapaz tão lindo. Dá um dó’.

Lúcia deixou o recinto para ir até a fonte lavar a louça. Não me deixou ajudá-la. Que ficasse eu fazendo companhia a D. Zefa. E foi então que esta, a sós comigo, quis assuntar: “Aninha, você que é da cidade, deve saber mais dessas coisas. *Você acha que a célula-tronco vai chegar no Brasil?*”. D. Zefa está mto preocupada com a situação de seu filho paraplégico e as células-tronco são sua última esperança. Foi o próprio filho quem lhe falou sobre isso, e lhe contou que a igreja não queria aceitar. D. Zefa discorda da igreja, pois entende q essa célula é tirada antes de entrar no corpo do bebê.

Anísio voltou com o barbatimão de Lúcia. Trouxe também um rádio que lhe pediram para consertar. Anísio é chamado “o cientista dos Buracos”, não sem ironia. ‘É porque ele é tirado a saber de tudo’. Anísio não gosta de igreja: é da opinião de que as pessoas mais crentes são as q fazem mais maldade. Anísio é solteiro e vive sozinho na casa de D. Zefa nos Buracos; pois o pai morreu e ela precisa ficar na Chapada perto dos serviços médicos necessários ao filho paraplégico. ‘Dizem que Anísio não casa mais. Às vezes ainda casa, só Deus sabe, que seja a vontade de Deus’. Neco, o outro irmão, casou-se depois de velho, todo mundo achava que não ia mais casar. Anísio diz que vai morar na Chapada. ‘É muito difícil pra ele: se for pra roça, não cozinha; se for cozinhar, não dá tempo de trabalhar na roça. Solteiro não dá pra ficar na roça, numa casa sem mulher’.

Lúcia voltou da fonte e retomou o assunto de quando saiu, a respeito da doença de seu primo. Ela, assim como D. Zefa, teve que morar muitos meses no hospital lá do São Paulo, depois outros meses no hospital da Brasília, onde sua filha faleceu com menos de um ano. ‘A neném estava melhorando, mas aí deram uma injeção nela pra

fazer um exame e ela era alérgica, aí morreu. Fizeram a autópsia do corpo e eu vou abrir processo, meu irmão que mora na Brasília está vendo isso pra mim’. ‘Você já construiu a carneirinha da neném?’, perguntou D. Zefa. Há dois meses, Lúcia tenta construir o túmulo da filha, no cemitério de Chapada. Mas não consegue arranjar pedreiro, estão todos trabalhando na construção do hospital, o primeiro do município - Mundinho, o prefeito, quer correr com a obra, diz que vai ficar pronto no ano que vem, quando será o ‘tempo da política’.

Lúcia e D. Zefa fizeram muitas amizades durante o tempo em que passaram nos hospitais da cidade grande, gente que estava em situação até pior do que a delas. ‘Que teve filho com deformações horríveis. Um menino com fuça de porco, um olho de cada lado do rosto... Deus me perdoe, a gente não sabe, né, mas eu acho q não tinha coragem de criar um menino desse se nascesse assim.... Com certeza é porque a mãe viu esse bicho na TV. Quando uma grávida vê uma coisa feia e fica *incutida* naquilo, o filho nasce igual’. Lúcia diz que isso só ocorre quando é no início da gravidez; Zefa diz que só acontece se a pessoa esquece se tá grávida na hora em que ‘pega aquela influência, olhando: aí ela fica incutida naquilo, fica com *influência*, esquece q tá grávida.... Teve uma criança q apareceu na TV, na época daquele programa da Família dos Dinossauros, e era a cara do bicho. Lembra aquele bichinho q gritava “não é a mamãe!”? Aí a mãe não quis saber da criança e o médico brigou e falou: vai sim levar o bebê, pra aprender a não ficar assim com influência com televisão’. E D. Zefa mostrou então uma mancha em sua perna. ‘Dizem também que, se uma grávida coloca uma coisa no sutiã, por exemplo, a gente tem mania de guardar o dinheiro no sutiã, aí a criança nasce com o desenho do dinheiro na pele. Mas no meu caso, é uma folha de fumo. É claro que minha mãe não ia botar uma folha de fumo no sutiã. Mas ela usava pra limpar os dentes, então foi alguma coisa assim’.

Anísio ouvia tudo balançando a cabeça; ‘não acredito nessas superstições, coisa de gente de cabeça fraca. Na verdade, tudo depende do que acontece no momento em que se está gerando o bebê’, explicou. ‘Então! É isso mesmo!, alegou sua mãe, é na hora de gerir que acontece!’.

Anísio discordava; recorreu ao exemplo dos gêmeos mostrados na TV por aqueles dias: ‘quando dá o destino de entrar dois embriões ou até três ao mesmo tempo, aí eles são gêmeos. Qualquer mulher pode ter um filho gêmeo’. Neste ponto, Lúcia interveio: ‘mas tem o fator genético. Quem tem gêmeos na família tem mais chance de ter filhos gêmeos; tanto é que, no pré-natal, os médicos perguntam se a gente tem gêmeo na família’. Eu já ouvira comentários, em outras conversas nos

Buracos, sobre o caso dos gêmeos na TV. As pessoas que tocaram no assunto mostraram-se preocupadas com a idéia da gestação; o que as intrigava na reportagem de TV era o fato de que os irmãos gêmeos, quando não são fisicamente iguais, é porque não foram geridos juntos, embora tenham sido fecundados ao mesmo tempo. O argumento de Anísio focava justamente a idéia da gestação, mas quando ele falava em ‘gerir’, incluía o momento da fecundação: ‘É na hora de gerir, dizia ele, quando dá o destino de entrar 2 embriões, é que a criança nasce gêmeos’.

O termo ‘destino’ é muito usado nos Buracos. Durante o trabalho de campo, perguntavam-me, por exemplo, ‘que destino é esse que te trouxe aqui pra esse fim de mundo, menina?’. Nesses casos, a idéia de ‘destino’ se aproxima da idéia de ‘acaso’, mas um acaso que tem, para usar outra expressão local, uma ‘natureza’, isto é, uma certa forma de motivação, um certo rumo. É como, por exemplo, quando se formula a frase “naquele dia, a natureza não me deixou sair de casa, parece que me faltava coragem”. Pensando nisso, perguntei ao Anísio: então é o acaso que determina... E ele concordou. Eu perguntei: mas o que determina o acaso? E ele: ‘é isso que ninguém sabe. Tem coisas q nem a ciência sabe explicar’.

A conversa seguiu com outro exemplo: o das gêmeas que são primas de Lúcia. Uma delas mora nos Buracos, a outra está casada e o marido trabalha em uma fazenda, ‘pra fora’. Ela pouco vem visitar os Buracos e dizem que não se parece em nada com a irmã gêmea. Esta, por sinal, tem uma outra irmã que ‘não é gêmea mas é igualzinho uns-aos-outro’. A gêmea que foi embora ‘está doente, vive assim escarquiada, desconfiada, assim agressiva, brabinha. Deve ser resguardo quebrado, porque logo depois de ter neném, o marido bateu nela. Esses dias, ela foi no benzedor’. E melhorou? ‘Parece que sim, mas continua brigando com a mãe. Ah, aquela dali nunca se deu bem com a mãe, tem é uma natureza ruim. Puxou a avó, que morreu doida’. Neste momento, D. Zefa traz ‘os fotinhos antigos, desses de monoquinho, da época que o povo só tirava foto quando ia na Festa da Serra’. Ela vai me mostrando os que hoje estão vivos e velhos e os que estão mortos, enquanto isso Lúcia provoca a risada dos presentes, rememorando a ocasião do velório da tia-avó que morreu doida. Foi um acontecimento memorável. A mãe de Lúcia, D. Rosa, chegou no velório carregando uma faca para matar uma prima de Lúcia porque encontrara, na gibeira do marido, uma carta de amor desta que era sua jovem amante. ‘Aí o povo dizia: não! Já tem um morto, deixa pra matar depois, se não vai dar muito trabalho!’, Anísio lembrou entre gargalhadas. E Lúcia riu com muito gosto, porque não gosta da mãe. D. Rosa, a mãe de Lúcia, também

não gosta da filha. A relação das duas já havia sido debatida em absolutamente todas as casas que visitei nos Buracos. Queriam sempre saber a quem eu dava razão. A maioria das pessoas defende Lúcia e diz que a mãe é ‘muito prosa ruim’. Os mais antipáticos a Rosa chegam a afirmar que ‘aquilo ali é sangue ruim, não é gente’. Mas os que a defendem argumentam que Lúcia, ‘desde criança pirraçava a mãe. Lúcia é assim de natureza. Como o espinho da planta que já tá lá antes de aparecer’. ‘Filho não pode brigar com a mãe. Não pode, mãe é *fino*’, dizem.

‘Fino’ é a palavra que se usa, por exemplo, quando um remédio é ‘quente’. ‘Digamos que você passe no braço um emplastro de cebola com samabaia, que é um remédio muito bom pra dor muscular, aí naquele dia você não pode tomar banho, porque é um remédio fino, esquenta o sangue’. No mesmo sentido, pode-se dizer que uma pessoa é fina: trata-se de alguém com muita opinião, dessas que a gente não pode falar qualquer coisinha que o sangue já esquenta, e ela já explode’.

‘Com mãe não se briga, mãe é fino’. Por outro lado, D. Rosa também não é fácil. ‘Ela não é culpada por essa natureza de Lúcia, mas por ter ficado sempre rogando, falando mal da filha, fez a Lúcia ter que ficar sempre cumprindo aquela sorte’. ‘E tia Rosa tem uma boca que é impressionante. Tudo o que ela fala acontece!’ Além disso, explicam-me, ‘praga de mãe é coisa muito séria, pior do que praga de pai. Não tem jeito de não pegar. Mas é melhor não comentar nada com Lúcia sobre o que Rosa fala, porque ficar com essas coisas na cabeça é pior. Tia Rosa fica rogando. Aí Lúcia engravidou com 14 anos e foi toda vida assim, uma pessoa que nada que ela faz dá certo. Parece que ela tenta, mas sempre acontece alguma coisa pra atrapalhar’. Lúcia tem cinco filhos, cada um de um pai diferente, e não é casada com nenhum. D. Rosa diz q filho de rapariga não tem pai. O primeiro filho de Lúcia foi D. Rosa quem criou; quando foi o segundo, D. Rosa expulsou a filha de casa. Lúcia ficou mto deprimida, e diz: ‘aí me convenceram q era melhor dar a criança pra uma prima minha, que tem boas condições: o marido é irmão do Miguelão, o da fazenda Da Matão. E Lúcia deu o filho’. Dizem que também deu um outro filho lá na Brasília, quando morava lá, mas isso é segredo. Se for verdade, Lúcia tem seis filhos. Só dois ficaram com ela, Luciano e Ramon. ‘Luciano é filho de um homem do caminhão da Coca-cola que nunca mais apareceu por aqui’, conta Lúcia. Mas muita gente diz que ‘o pai na verdade é o Tim do açougue lá na Chapada. É igualzim uns-aos-outro, não dá pra mentir’. Mas Lúcia desmente. D. Rosa gosta muito do neto Luciano e queria ficar cuidando dele. Mas detesta o outro neto, Ramon, ‘o preto’. ‘Esse tem que ficar lá com o povo do pai dele,

que gosta dele’, diz a avó. ‘Lúcia tinha que tomar vergonha naquela cara e ir trabalhar lá na Brasília’. Mesmo o pai de Lúcia, que gosta muito da filha, não concorda com esta querer criar os dois filhos: ‘e alguém que nem tem casa pra morar pode querer criar filho?!’. Lúcia sempre quis ter uma menina. Não agüentaria largar os filhos porque eles ajudam a matar saudades de sua neném morta. Ela pensa em voltar para o ex-marido, ‘assim ia poder ter uma casa, e até que gosto dele, se ele não fosse tão ciumento...’ Mas tem vergonha de voltar, porque já conta 5 cinco vezes que ela separou e voltou do marido. Lúcia tem dor de cabeça toda semana. ‘Deve ser por causa do resguardo quebrado, ela passou muito sofrimento quando o segundo filho nasceu’. ‘Resguardo quebrado é assim, fica pra vida toda. Ainda mais se tem alguém rogando praga’. ‘Você já viu Rosa chamando Lúcia de Besta-fera?! Isso não é nome que uma mãe diga a uma filha....Falou no capeta, ele só tá procurando por onde entrar, aí facilita’.

‘D. Rosa vive brigando com todo mundo. É prosa ruim. Tem fases em que ela fica melhor’, diz Lúcia. ‘Mas desde que esteve doente, só piorou’. A doença de D. Rosa durou mais de ano. Foi ela mesma quem me contou como conseguiu se curar. É o que se segue:

‘Eu estava doente dos nervos e tava na menopausa. Os médicos lá no São Paulo disseram. Mas eu fiz mais de 11 exames e não deu nada, por isso eles não davam remédio. Teve um médico do Arinos que deu um comprimidinho cor-de-rosa e eu bebi. Mas nada curava. Tinha uma dor de cabeça que não pode; corria pro mato porque não agüentava. Às vezes, ficava 6 meses sem menstruar. Aí vinha a menstruação e o modess ficava em um minuto igual a um pirão. Aquele sangue grosso! Teve uma vez que fiquei 2 anos sem menstruar, aí qdo desceu foi que eu quase morri. Tiveram q me carregar nos braços de tão fraca q eu tava. A Bia, minha filha que mora lá no São Paulo, queria me levar pra lá. Mas se eu não quero ir quando tô boa, imagina ruim dos nervos. Lá que a gente só fica presa dentro de casa. E coisa pior que tem pra cabeça é ficar preso dentro de casa. Não queria mais deitar com meu marido. Não queria ir tomar banho no rio. Eu voltei pra cá e me falaram pra tomar uns remédios do mato... eu fui na farmácia e tomei maracujina. E tomei outro gole. Aí deitei à tarde e só fui acordar no outro dia. Mas continuei ruim. Era tanta coisa, que eu nem me lembro. E gastei tanto dinheiro com remédio e exame, quanto gado não dava pra comprar com esse dinheiro... Aí ficava aqui, sem coragem pra fazer nada, nem fazer o de comer a minha natureza não deixava. O meu filho Nego, coitado, tinha que botar água no feijão pra eu depois ter coragem de cozinhar. Até que um dia, não sei o que aconteceu, porque sempre tinha alguma

natureza que não deixava eu ir no posto. Todo dia eu dizia que ia e alguma coisa acontecia e eu não ia. Até que teve um dia que me deu uma vontade de ir. Mas uma vontade! Aí eu fui... O médico mediu minha pressão (porque eles lá tiram a pressão, mas o Dr. Luizinho fazia questão de ele mesmo medir a minha). E ouviu meu coração. Aí me disse: ‘a senhora tá com o coração bem fraquinho e a pressão tá alta’. Eu botava a mão no peito e nem ouvia o coração. Aí Dr. Luizinho me falou: ‘ó, a senhora tá com um problema, mas não sou eu que posso tratar’. Aí ele falou foi, não foi curador, foi benzedeiro. Falou: ‘a senhora tem q ir num benzedeiro porque a senhora tá com mal olhado’. Eu disse: mas essas coisas não existem... Ele disse: existe. Aí eu pedi pro marido da minha vizinha lá da Chapada, que tem moto, se ele me levava. ‘Levo agora’, ele disse. E me cobrou 60 reais. As motos cobram 70 reais pra levar nesse curador, lá em Vargem Bonita, ele fez por 60. Aí eu fui nele. Cheguei lá, o rapaz da moto me levou no benzedeiro. E eu conhecia, ele é casado com uma prima carnal minha, mas eu nunca soube que ele benzia. E cheguei lá e minha prima ficou emocionada. Chorou, chorou de alegria. E ele foi me benzer. Rezou um terço, depois botou um negócio com cheiro e rezou, ficou um bocado de hora comigo. Aí disse que eu tava mal mesmo. Eu suei, suei, que ficou uma catinga. Então eu tomei um banho e minha prima me deu uma roupa. E eu dormi. Depois disso melhorei. Eu perguntei pro benzedor quem é q tinha jogado mal olhado, mas ele disse que eu não podia ficar sabendo. Eu pedi se podia fazer voltar pra pessoa. E ele disse que Nossa Senhora se encarregava de fazer pagar. Tempos depois, eu fui no Dr. Luizinho e ele perguntou: ‘a senhora foi no benzedor, né. Porque tô vendo que já tá boa!’.

Nos Buracos, todos sabem que D. Rosa diz ter sido alvo de feitiço. Mencionavam isso em geral para dizer que ela é ‘prosa ruim’. Ou seja, que isto era prosa ruim de Rosa, nada que merecesse muita atenção. Certa vez, eu assistia novela na casa de uma das únicas 4 moças em idade de casar nos Buracos; as outras 3 também estavam lá e a TV transmitia *O Profeta*, ‘a das 6’, a que as meninas mais gostavam. Contava a história de um rapaz com poderes sobrenaturais que usava para enriquecer. O rapaz não queria fazer isso, pois é um bom rapaz, mas a mocinha que ele ama iria se casar com um homem rico, e ele achava que só teria o seu amor se ficasse rico também. Trabalhar como profeta estava levando o mocinho da novela para o caminho do mal. E as moças dos Buracos me explicavam porque é errado uma pessoa usar os seus poderes para enriquecer a si mesma. ‘Quando, por exemplo, alguém vai no curador e ele diz que é feitiço do vizinho, faz a pessoa brigar com o vizinho, é maldade. Eu mesmo não tenho

fé; quando tô doente, vou no médico. Se ele não resolve, me apego em Deus’. ‘Todo curador diz que tem feitiço. Se uma pessoa não acredita, o feitiço não pega. E ninguém diz na cara que fez feitiço. Se eu te digo na tua cara que te enfeitei, você não vai acreditar em mim. A Tia Rosa, por exemplo, vive dizendo que fizeram feitiço nela. Mas ela não diz quem foi que fez. Isso é conversa de benzedor; ganha dinheiro fazendo mal pros outros.’

Já escurecia quando eu e Lúcia decidimos encerrar a visita. D. Zefa insistiu que esperássemos: ‘o tempo realçou só de quentura, daqui a pouco a chuva vai lacrar. Melhor vocês pousarem aqui, porque tomaram café quente e pode dar esteporo’. Esteporo é ‘uma doença que dá no sangue. Acontece muito de a pessoa estar torrando farinha e sair com o corpo quente correndo pro rio. Aí dá espteporo, fica com o corpo todo empolado, com dor de cabeça. E é uma doença q você nunca cura de verdade (mais ou menos como resguardo quebrado). Quem teve uma vez, fica a vida toda podendo empolar de novo’. Acontece de tomar café quente e sair na chuva, aí dá de ter esteporo’. Ainda adiando nossa partida, D. Zefa puxou outro assunto. Perguntou por Nego, irmão de Lúcia; ele agora deu pra beber de novo. Tinha parado, depois q bebeu o remédio q a mãe trouxe do benzedor. E isso adianta?, ralhou Lúcia. Pq é q tem gente q bebe toda a vida e não fica bebo desse jeito. Que dó q dá de ver o Nego, rapaz trabalhador... Deve ser coisa do sangue, depende do sangue da pessoa. Tem gente que tem o sangue mais fraco. Ê cachaça, garapa do Demo!’.

Nos Buracos, a cachaça tem um valor ambíguo. Recorre-se muito a ela para a manipulação dos ‘remédios-do-mato’: feitos em geral por infusão de determinadas ervas, tais remédios são mais eficazes quando preparados com aguardente, porque esta ‘corre rápido pelo sangue’, difundindo mais rapidamente os efeitos esperados do medicamento. Mas a aguardente também ‘faz o sangue esquentar’ e ‘faz a língua destravar’, o que, em certas ocasiões, é especialmente perigoso. ‘Todo cachaceiro é prosa ruim’, diz-se. Assim, ‘beber da mesma cachaça’ - isto é, compartilhar no copo uma mesma dose da bebida - é perigoso porque pode-se ser contaminado pela ‘cachaça ruim’, ou ‘prosa ruim’, de algum dos ‘tomadores de cachaça’ com quem se divide o copo. Por este motivo, durante a folia, destina-se ao ‘alferes’ a função de distribuir cachaça aos foliões e demais presentes: ele deve cuidar para que cada dose seja tomada por apenas uma pessoa, jogando fora o resto que por ventura sobrar de uma dose individual. A cachaça da folia, em geral preparada com plantas medicinais, é jocosamente chamada de ‘remédio’. Quando uma folia é considerada mal sucedida, por

exemplo, em geral devido à ocorrência de brigas, especula-se como possível motivo a presença de ‘cachaça ruim’, trazida por rapazes desordeiros.

No caminho de volta, carregadas com sacolas de jabuticaba e pinha, eu e Lúcia passamos pelo Rio Pardo, ali onde ele é largo e espalhado pela areia, bem onde deságua o Calengue. Com a enxurrada, não só as estradas desapareceram em vários pontos, formando grotas e montes de areia. Também as travessias dos rios ficaram difíceis. É preciso saber onde andar para que os pés não afundem deixando-nos presos com terra até o alto da coxa. É preciso tirar os chinelos, pra modo de não pregar na terra. Lúcia me explica q onde tem água correndo forte, não pára a areia mole; e onde tem cascalhos e pedras, nunca se afunda. É preciso saber onde pisa. ‘Essa paisagem me lembra a época de moça, disse Lúcia, eu vivia aqui, na casa da minha prima, falando dos namoradinhos com Ana, a gente era mesmo que irmã. Naquela época, o mundo era melhor. Não tinha tanta tristeza na família, não tinha essas mortes todas...’

*

Ao chegar n’Os Buracos, anunciara meu interesse em estudar parentesco. Logo, sempre me ofereceram ouvir relatos sobre seus ‘antepassados’, apresentados através de ‘histórias dos antigos’. Comparando-se passado e presente, mapeavam-se então as mudanças sofridas nas relações entre os parentes, e entre estes e suas terras: uma casa construída ali, outra erguida na terra de antigo dono, apontavam-me. As casas e seus lugares indicavam casamentos, nascimentos, mortes e os decorrentes deslocamentos humanos. A história da ocupação daquela terra seguia, assim, o traçado dos laços sanguíneos, numa linha evolutiva onde a lógica da descendência parecia desenhar a passagem do tempo. Por este caminho de reflexão, o parentesco como modo de articular a terra, o tempo e o sangue é especialmente interessante à análise dos laços que constituem o ‘povo d’Os Buracos’. Pois se as histórias familiares organizam-se por operações de mapeamento envolvendo referências espaciais e suas correlatas relações de consangüinidade e afinidade, é possível, a partir deste mapeamento do ‘povo d’Os Buracos’, refletir sobre uma concepção específica de relação. Sendo esta constitutiva da idéia de ‘povo’, ela não prescinde de elaborações sobre o sangue, a terra, e sobre como estes se associam à passagem do tempo. Mas os relatos a que me referi imbuíam-se também de outra dimensão temporal. Não só a da linha evolutiva de descendência mas também a da imprevisibilidade das interações humanas, igualmente visibilizada pela lógica do sangue e da terra. Quando o ‘sangue não bate’, quando o ‘sangue esquentá’,

provocando brigas, ou quando se ‘puxa o sangue’ de alguma ‘tia doida’, a filiação deixa de ser determinante para a lógica das distâncias e aproximações pessoais, e a linha temporal traçada pela consangüinidade é interrompida pela ‘sorte’, pelo ‘destino’ de cada um. Assim, compreender o que se define como ‘povo d’Os Buracos’ só é possível se captarmos um modo particular de conhecimento, sendo este capaz de reunir o que costumamos separar entre os campos da religião e da ciência, ou entre a Cultura e a Natureza. Se a ciência ocidental moderna acostumou-se a ver o parentesco como cadeia combinatória de laços sanguíneos que evolui em direção à individuação (Strathern, 1992), note-se aqui uma idéia de laço onde o sangue não necessariamente envolve filiação, e, portanto, onde a idéia de natureza humana não está sujeita à mesma lógica.

O local da casa onde morei, à margem do rio Calengue, pertenceu a João Branco, que reúne sob sua linha de descendência o maior número de pessoas vivas d’Os Buracosⁱ. A casa hoje construída ali é de Quincas, filho mais velho de João, e a intensidade de laços consangüíneos ligando mortos e vivos àquele espaço se desvela na concentração de casas vizinhas, a maior d’Os Buracos. Soma-se a isto o fato de Quincas ter doado o terreno onde foi erguida a ‘escola rural da comunidade’, que fica portanto em frente à sua casa e onde, além das classes ‘multi etárias’ de ensino fundamental, são realizados os cultos católicos e os eventuais forrós do final de semana. Ali, também está situado o campo de futebol, para onde se deslocam, todos os domingos, grande parte dos homens d’Os Buracos, que depois do futebol, bebem da cachaça e até mesmo da cerveja gelada, trazida à venda, no lombo do cavalo, por Ademir de Nicolau (até pouco tempo, ele era o único a possuir uma geladeira n’Os Buracos). Assim, o ‘povo do Calengue’ - a ‘família de João Branco’ - constitui, em certa medida ou rigorosamente falando, o conjunto do ‘povo d’Os Buracos’, pois este se inscreve na história da ocupação da terra d’Os Buracos, a qual é marcada - no presente - pela intensidade das interações vividas perto do rio Calengue, onde estão os herdeiros diretos de João. Mas, por outro lado, o povo d’Os Buracos não é formado apenas por estes herdeiros.

Ademir de Nicolau também n’Os Buracos, mas longe do Calengue e ‘perto de sua gente’, no rio das Três Passagens. O ‘povo de Nicolau’ não é d’Os Buracos, explicam-me, vieram morar nas Três Passagens há cerca de 10 anos; originalmente, ‘são d’ Os Buraquinhos’, onde mora ‘a família de Nica de Nicolau’ (sua esposa). Hoje, contudo, três dos 5 filhos de Nicolau estão casados com descendentes de João Branco e outro com uma moça ‘do povo de João Carneiro’ (da ‘família de Lió’, que foi casada com João). Presenciei a mudança de Aninha de Nicolau (sua filha) para a casa do sogro,

Nico, filho de João Branco e irmão de Quincas. Nico tem ‘problema com cachaça’ e por este motivo a mudança de Aninha era por todos considerada delicada. Ela mesma, entretanto, contou-me que estava se saindo bem e que o sogro a respeitava ‘até mais do que aos próprios filhos’. Disse-me ainda que, agora, depois de estranhar, já estava ‘pegando costume com o povo do Calengue’, referindo-se assim às casas que ficam próximas ao rio Calengue, dos descendentes de João Branco. Mas referia-se também ao ‘povo d’Os Buracos’ em geral, posto que o assunto em questão era sua trajetória de deslocamentos: da infância n’Os Buraquinhos à escola e trabalho em Chapada Gaúcha e, agora, com o povo d’Os Buracos. Mas se o povo do Calengue é também o povo d’Os Buracos, este também pode ser referido, de um modo ainda mais genérico, o povo da roça.

A oposição ‘roça’ (usada como auto-referência pelo ‘povo d’Os Buracos’) e ‘cidade’ (em referência à Chapada Gaúcha) poderia nos dar a entender que, independente dos deslocamentos pessoais, o povo d’Os Buracos vincula-se exclusivamente àquele espaço físico (da roça). Contudo, note-se que esses termos não são conceitos isolados, formam uma espécie de par conceitual (ou conceito gêmeo) análogo aos que opõem tradição/modernidade; convenção/inação; continuidade/mudança; sociedade/indivíduo. Conforme elabora Strathern (1992), este conjunto de analogias implica uma certa percepção do tempo como cadeia que flui em direção à crescente diferenciação, heterogeneidade, complexidade, um processo sempre passível de quantificaçãoⁱⁱⁱ. De fato, a rede formada pelas relações de parentesco d’ Os Buracos liga um número quantificável de indivíduos ao casal de antepassados comuns, e estes a um território fixo. Quantificáveis são, deste modo, também as mudanças decorridas desde o primeiro casamento ocorrido n’Os Buracos. Mas por este caminho inferir-se-ia facilmente que os deslocamentos em direção à cidade indicam a gradual extinção do povo d’Os Buracos. Esta extinção sequer é sugerida pelos buraqueiros e tal afirmação seria por eles considerada uma ofensa. Por outro lado, não hesitam em dizer que ‘os jovens estão indo embora quase tudo; o povo aqui está ficando pouquinho’. Tais colocações impõem, portanto, um entendimento mais preciso sobre como este ‘povo’ se mantém – sociologicamente, mas também como idéia - a despeito de seus deslocamentos e transformações.

Diante destas considerações, a descrição do conjunto de relações implicadas na definição do povo d’ Os Buracos parece requerer a presença da experiência do tempo – seja esta mensurável pela linha que liga passado e presente, seja definível apenas no

instante de captar o movimento humano. Neste segundo caso, um certo acaso – ou ‘destino’, ou ‘sorte’, como se diz ali – é assumido como elemento inescapável às relações humanas, à sua ‘natureza’, à sua variabilidade temporal. Esta idéia manifesta-se através do rico repertório de casos nos quais se coloca em questão a influência do sangue naquilo que a pessoa é, seja isto observável pela qualidade e intensidade das relações estabelecidas por ela, seja inferido de sua propensão a uma ou outra doença e também a um ou outro traço de caráter. Os atributos do sangue são assim articulados a acontecimentos anteriores e posteriores ao nascimento de um ser – acontecimentos ligados ao que foi herdado (isto é ‘puxado de nascença’) ou ao modo imprevisto como se reage a certas interações (‘o sangue que não bateu’; ‘o sangue que ficou quente’). Em todo caso, pode-se dizer, ‘vem do sangue’, o que significa dizer que interfere diretamente na identidade do ser que foi ‘gerado’.

Não é sempre, portanto, que os laços de consangüinidade a definirem o povo d’Os Buracos operam gerando efeitos de quantificação temporalmente mensuráveis, embora o façam freqüentemente. Se o parentesco é o passado (ou os ‘antepassados’), ligado ao presente pelas marcas de lugares e pessoas mais ou menos transformados, o parentesco é também o instante exato da gestação, e é tudo o que, depois disto, jogará as pessoas em determinadas teias de relações, em determinadas geografias. Estas relações assumem certa dimensão mágica (cf. Viveiros de Castro, 2002), no sentido de que envolvem laços de influência, de contaminação. A ‘natureza de uma pessoa’ corresponde assim a diversos movimentos - aproximações e distanciamentos em relação a pessoas, lugares, palavras, animais. Este movimento é narrado não apenas como memória de um tempo transcorrido, linear e quantificável; ele é também nomeado por termos como ‘sorte’ e ‘destino’. Dizer, como se diz ali, que o nascimento e a morte de cada um obedecem à ‘Natureza’ significa dizer que são, no limite, imprevisíveis, ‘pertencem a Deus’. Pelo mesmo motivo, despertam interesse especial dos buraqueiros.

Nota-se ali que há períodos em que o ‘sangue está novo’, o que significa dizer que o corpo está sujeito a reações inesperadas, tornando-se mais vulnerável a doenças; analogamente às mudanças de fase da lua, na passagem de um tipo de sangue mais ‘grosso’ para um mais ‘ralo’, o corpo vê-se mais suscetível aos efeitos das interações com o meio externo. Os sintomas que se apresentam em nome desta vulnerabilidade nunca estão livres de especulações a respeito da causa atribuída a algum ‘trabalho’, ‘comida posta’ ou ‘feitiço’. Embora sempre emitido com cuidado e discrição, este tipo de explicação é tão recorrente quanto as doenças para as quais a explicação médica não

fornece diagnóstico convincente. Estes males costumam ser nomeados ‘depressão’, ou ‘problema de cabeça’, um vocabulário que reúne os dois tipos de explicação e expressa uma característica específica de certas doenças que ‘ficam no sangue’, a saber, a dificuldade de encontrar seu remédio. Entre os sintomas deste tipo de problema, está o rompimento das boas relações pessoais. Note-se assim certa conexão entre os sintomas causados pelo sangue e pela palavra. Para finalizar, sugiro que esta aproximação nos ajude ao intuito de pensar o sistema de relações elaborado a partir de uma teoria nativa do corpo humano, sem esquecer, como vimos inicialmente, sua possibilidade de articulação com as noções de ‘povo’ e ‘território’.

‘O povo da roça gosta muito de prostrar’, dizem os buraqueiros quando falam de si mesmos, enfatizando sua distância em relação aos ‘gaúchos’ e ao ‘povo da cidade’ em geral. Como o ‘povo de cidade’, o gaúcho ‘vive de porta fechada e, se alguém chega em sua casa, ele não manda entrar’, o que é considerado um hábito especialmente desagradável aos buraqueiros. Comete falha de educação o vizinho que, vindo de longe e passando diante de uma casa, não conceda ali ‘dois dedos de prosa’. Nessas conversas ao pé da porta, fica-se rapidamente à parte dos últimos deslocamentos (quem foi; quem voltou; para onde; quando); e no caso de o viajante ter feito no trajeto visita a um parente doente, fica-se sabendo o estado da doença. Estes temas, sempre triviais, tornam-se grandes debates no caso de uma notícia inesperada. O aviso de falecimento de ‘um primo distante, lá do povo do Ribeirão’, rendeu, entre os próximos de onde eu morava, vários dias de prosa. Notava-se com surpresa: ‘como um sujeito que sempre lidou com garrote valente agora - de repente! - morre pisoteado por um bicho manso, que além de tudo ele conhecia bem (foi criado por ele!)?’’. Sem encontrar resposta definitiva, um senhor concluiu em voz baixa: ‘o destino está lá; aí parece que o sujeito facilita...’. É coisa que só se pode dizer depois do fato ocorrido. Anunciar um destino antes do fato é ‘rogar praga’, ‘coisa de quem é prosa ruim, como D. Rosa’.

Neste sentido, ‘Ana de Rosa’, termo com que mais tarde vim a ser chamada n’Os Buracos, indicava não apenas meu local de moradia (a casa de Rosa), mas também uma certa relação privilegiada (com Rosa); relação que organizava uma série de outras relações. Geralmente, a fórmula é usada para relações entre uma filha não casada e seu pai (como Aninha de Nicolau), ou entre mulher e marido (‘Nica de Nicolau’; ‘Aninha de Ito’). Após ter sido eu anunciada por Rosa como sua ‘filha de coração’, e sendo constatado aos olhos de todos o bom convívio entre nós duas – o que se via nas longas conversas que empenhávamos - convinha-se que, de algum modo, meu sangue ‘batia’

com o de Rosa. Uma proximidade não só de forma, mas de substância. A palavra dos relatos sobre antepassados, vinda de Rosa, decodificava aquele espaço no qual agora eu me envolvia, envolvendo-me assim nas relações que o constituíam, davam-lhe forma e sentido. Mas não só isso, aquela palavra trocada mostrava-se, aos olhos dos demais, especialmente potente, tendo em vista que Rosa não é tida como pessoa ‘muito boa de prosa’ – para alguns, chega a ser considerada ‘prosa ruim’, no sentido de que, quando conversa, é para ‘falar mal da vida dos outros’. Assim, as conversas que indicavam meu bom convívio com ela não apenas faziam de mim particularmente bem informada quanto às questões mais controversas, estados mais instáveis de relações; faziam de mim também alguém sobre quem se deveria lançar certa dúvida. Seria minha proximidade com Rosa de fato substancial? Até que ponto as relações dela seriam também as minhas? Com o tempo, creio ter passado a inspirar mais confiança nas pessoas em geral. Neste sentido, certamente terá pesado minha aproximação com Tute, filha do cunhado (e vizinho) de Rosa, com quem esta jamais troca palavra e em cuja casa não põe os pés desde que ele e o irmão Quincas (marido de Rosa) tiveram uma briga por ‘questões de terra’. Minhas relações não eram as de Rosa, via-se em minha proximidade com Tute. Não por acaso, só tomei conhecimento de minha alcunha pouco antes de meu retorno. Foi-me dito entre risadas, sinal de que eu não deveria levar aquela palavra muito a sério. ‘Ana de Rosa’, por fim, era um termo delicado de se dizer, e não foi muitas vezes que o ouvi. A palavra contamina; cria laços e também os desfaz, fixa estados de relações mas também pode lhes provocar alterações: é preciso se ter cuidado com o que se diz. A palavra, pois, jogada, transmitida, não apenas decodifica a realidade; ela lhe é constitutiva. Não tem menos substância do que o sangue, podendo mesmo influir sobre ele, rompendo ou criando laços: uma palavra errada dita em um mau momento pode fazer o sangue esquentar, gerando desavença e até morte. A possibilidade de tais efeitos é particularmente perigosa quando se está sob efeito da cachaça, pois esta, como a palavra, também contamina.

Assim, o silêncio é muitas vezes aconselhável, sobretudo entre pessoas cujo sangue não bate ou nas situações em que se percebe a cachaça ruim do interlocutor. Por outro lado, quando uma visita proporciona uma ‘prosa boa’, é de bom tom oferecer algo além do café, seja uma sobra de paçoca (farinha ‘pisada’ com carne seca), um biscoito de mandioca feito na hora ou, ‘dependendo’, até uma ‘pinguinha’ (dose de cachaça). Esta, quando não oferecida por um ‘cachaceiro prosa ruim’ (‘caçando qualquer motivo pra beber’), é uma forma de anunciar ocasião especial – sinal de visitante ilustre ou

especialmente agradável aos anfitriões, donos da casa. O ritual da visita, seu tempo, sua prosa, suas implicações, apresenta-se assim como importante pista para entender a maneira como as relações sociais são concebidas nos Buracos. Encará-lo como forma de socialidade traz assim alguns caminhos para uma descrição da mudança social a partir do olhar sobre a vida cotidiana. E, se é possível esboçar um modelo abstrato a partir dos códigos da prática de ‘ir nas casas’, ele certamente deverá ser capaz de traçar continuidades entre o sangue e a palavra, o corpo e o espírito, pois trata-se de um povo que dá uma atenção particular à produção de informação.

STRATHERN, Marilyn. 1992. *After nature: English kinship in the late twentieth century*. Cambridge: Cambridge University Press.

Viveiros de Castro, Eduardo. 2002. “O Nativo Relativo”. In: *Mana. Estudos de Antropologia Social* 8 (1): 113-148

ⁱ Nesta primeira abordagem, sendo este um texto de circulação restrita, utilizo os nomes verdadeiros das pessoas pesquisadas. Até que ponto esta opção poderá ser mantida sem prejuízo dos envolvidos é uma questão ainda a resolver.

ⁱⁱ A idéia de reprodução humana contida na teoria do parentesco é parte do esquema, diz Strathern: indivíduos singulares são gerados e deles se esperam quebras de tradição, gerando-se individualização e mudanças quantificáveis em função do tempo transcorrido.